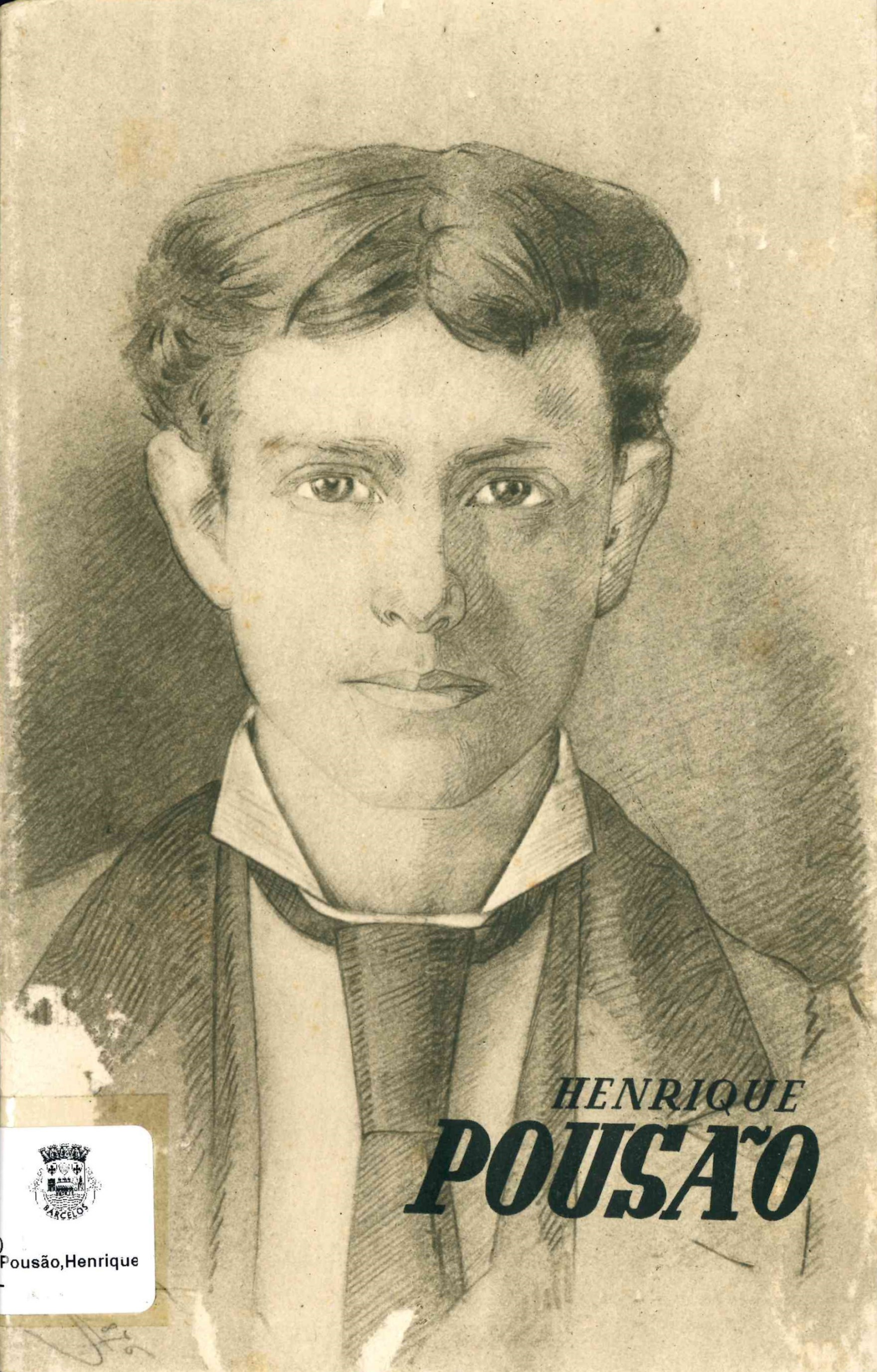

HENRIQUE POUSÃO

Pousão,Henrique

À biblioteca da Câmara Municipal de Barcelos
oferece o Conselho Administrativo da Fundação
da Casa de Bragança.
Fevereiro de 1960

O Presid. do Cons. Admvo

CAMARA MUNICIPAL
BARCELOS

SELLÉS PAES

Henrique Povsão

No Centenário
do Seu Nascimento
1 de Janeiro de 1859

C. M.
BARCELOS
BIBLIOTECA
Nº 6532

FUNDAÇÃO DA CASA DE BRAGANÇA
MCMLIX

A AQUISIÇÃO DE UMA OBRA DO PINTOR HENRIQUE POUSÃO, FILHO DA VILA ALENTEJANA, POR PARTE DA FUNDAÇÃO DA CASA DE BRAGANÇA, ENRIQUECENDO-SE ASSIM — POR MÉRITO E REAL VALOR DA PEÇA, E JUSTA E AUREOLADA NOMEADA DE QUEM, EXECUTANDO-A, A ASSINA, LOCALIZA E DATA — O JÁ TÃO RICO E CONSTANTEMENTE AUMENTADO PATRIMÓNIO DO MUSEU-BIBLIOTECA DO PALÁCIO DE VILA VIÇOSA, PAÇO DUCAL, IMPUNHA A SUA NOTÍCIA DIVULGADORA, USO QUE ALIÁS JÁ É COSTUME, BENFAZEJO COSTUME, NUMA INSTITUIÇÃO QUE TEM POSSIBILITADO UM ENRIQUECIMENTO DA BIBLIOGRAFIA NACIONAL COM ESTUDOS DE FUNDAMENTAL INTERESSE E IMPORTÂNCIA.

NÃO É O CASO DESTA NOTA: E NÃO O É POR FALTA DE MÉRITOS, ALHEIOS À VONTADE PRÓPRIA, DO SEU AUTOR, QUE NÃO DA PEÇA EM ESTUDO.

HENRIQUE POUSÃO

(1859-1884)

Pousão é um pintor completo, um artista fecundo, mais no sentido da sua obra, que na extensão e volume que possui: é um pioneiro afastado da realidade quotidiana, vivendo à margem e alheio de uma pintura continuada nos seus compatriotas, e talvez curioso e interessado no entender uma nova estética, um novo movimento que, coevo com o seu 2.° ano escolar, se processa no cadinho, onde se principiam a fundir as culturas e civilizações, geogràficamente colocado em Paris.

Pioneiro, e entenda-se por tal caminhar na vanguarda, Henrique Pousão não teve tempo nem de amadurar sentimentos, projectos e ideias, nem de se fixar neste mundo; e desta impossibilidade de se fixar, e dessa dispersão de uma obra feita aqui e além, no vagamundear em procura de um clima para sarar o seu mal pulmonar, — que o mataria, na mesma terra ducal, onde nascera 25 anos completos antes —, talvez resida a desatenção, o desamor pela lição de uma obra de pintor que só seu pai, o Dr. Francisco Augusto Nunes Pousão, pareceu, talvez também só como pai, entender, oferecendo-a à Academia Portuense de Belas-Artes que Henrique abandonara em 1880 com seu curso completo, cheio de prémios e de

prestígio, e hoje enriquece e valoriza o recheio do Museu Nacional de Soares dos Reis.

Pousão, de seu nome completo Henrique César de Araújo Pousão, quis Deus chamá-lo a si, como nas artes plásticas fez entre tantos a Soares dos Reis, a Sousa Cardoso, a Mário Eloy e Ruy Gameiro, nesse momento da vida, amargo mas cheio de ilusões e de esperanças, em que o artista procura, inicia as interrogações da sua própria vida.

Não é que ele se tenha encontrado totalmente, nem que em profundidade de inteligência e de sentidos tivesse estudado as lições em aberto deixadas pelo impressionismo: pouco tempo tivera para tanto.

Em 1880 dispersam-se os componentes de tal movimento, e no fim desse ano chega a Paris o novo pensionista acompanhado por Sousa Pinto, vencedor como ele de concurso, para serem alunos, aplicados e com prémios, do pintor Cabanel na Escola de Belas Artes.

Nesse então histórico, na história das artes da pintura e do desenho, ter galardões com esse professor de tanta nomeada no meio português e na Escola de Belas Artes de Paris, é garantia sobrante de uma sujeição e uma disciplina ao sentido pedagógico do mestre que a ninguém merece dúvidas.

Não devemos pôr de parte a muito plausível ideia de que na ânsia e na curiosidade de tudo ver, e tudo observar, nessa meca e oásis dos artistas que já então era Paris, o estudante aplicado visse quadros dos que passariam para a história, tão fecunda de ensinamentos,

com o nome de «mestres do impressionismo»; e que seu espírito e olhos afeitos a percorrer terras novas, nas constantes transferências de comarca de seu pai, se tivessem fixado em muitas dessas telas, que hoje valem milhões e ricos museus guardam com orgulho.

A sua juventude e a maturidade desses mestres, a estridência e o escândalo por eles provocado abrindo as portas à vida da pintura, e por outro lado a sua vincada personalidade, sempre a distingui-lo dos melhores, e a exacta e respeitosa noção dos seus deveres e obrigações como pensionista, colocam o historiador de factos, ou quem pretenda saber tudo de tal homem, perante dúvidas que, quando em arte, não ajudam lá muito a desvendar segredos.

E os segredos, neste caso especial da arte portuguesa, residem nas relações e lutas que possam ter existido entre tudo quanto em seu trabalho nos legou de novos problemas da pintura, e aquilo que possa ter visto ao percorrer exposições em Paris, sabido é que em França, — e entre a capital, a Bretanha e Bourboule-les-Bains, a sua saúde e as tentativas de a recuperar, — só lhe foi possível estar um ano e poucos dias.

Se, como alguns o pretenderam, o pintor Pousão foi um «impressionista»; se como alguém disse foi-o antes dos impressionistas, e como outro o definiu «le roi des impressionistes», nunca o foi no sentido genealógico actual do vocábulo: aquele que tão vivamente sentiu o Alentejo, chegou a Paris tendo principiado no Porto a ver, por sua luz, novos caminhos, numa luminosidade

vulgarmente decomposta por seus nevoeiros, que lhe ensinou a rever e a quebrar os ímpetos contrastados da sua província, contrastes vivendo mais no coração de jovem que nos olhos afeitos de pintor, só abertos na Cidade Invicta, e só nos finais do curso, como parece prová-lo o quadro datado de 80 e se chama «O Mendigo Lapita».

De resto Pousão — não esqueçamos nunca as luzes que conhecera pintando quando se instala em Anacápri com 23 anos de idade e talvez 4 de manejar pincéis — fugindo à doença que o persegue impiedosa, é na luz desse mar interior que separa a Europa do Norte de África onde se vai encontrar e fixar o melhor da sua obra, o único testemunho que possuimos de que por sentimento próprio e própria descoberta, mais por seus méritos afinados nas lições de vagamundo, que por se lançar nas águas tumultuosas de outras fontes, houve um pintor português, alentejano de sangue e nascimento, escolar no Porto, que foi entre nós o primeiro moderno em seu tempo.

Desta modernidade, desta nova visão do que é pintura, a única razão da sua intemporalidade, e o poder-se afirmar ter sido Henrique Pousão o primeiro entre todos.

O que teria feito, os novos caminhos a abrirem-se, a acção pedagógica da sua lição se a morte o poupara, são sempre hipóteses e expectativas fora de questão, e muitas vezes sujeitas a dolorosas surpresas e fracassos: num artista só conta, e só vale, a sua obra, que, em Portugal e em Pousão, não receia vulgares paralelos.

É deste invulgar artista a obra que hoje enriquece o Museu-Biblioteca do Palácio Ducal de Vila Viçosa, adquirida pelo valor próprio que em si contém como testemunho dos méritos do seu autor, mas que, até pelos laços humanos de afectividade, bem justificariam aí uma recordação desse grande pintor tão ligado à vila — onde nasceu e se acolheu para morrer —, e querendo Deus que ficasse presente nesses palácios que foram dos Braganças — no dos Carrancas onde está instalado o Museu Nacional de Soares dos Reis, e hoje no de Vila Viçosa.

Trata-se de um auto-retrato executado a lápis sobre papel que o tempo amareleceu, emprestando-lhe maior suavidade.

O pintor retratou-se em posição frontal, penteado de risca ao centro da cabeça de grande diâmetro transverso, orelhas largas, carnudas e compridas, destacadas; arcada supraciliar pouco marcada, olhar bem fixo e atento, o que é detalhe vulgar nos retratos feitos pelos próprios

U. D.
BIBLIOTECA

artistas; boca larga, carnuda, bem desenhada; mento forte e fortes massetéres.

O buço apontado não envelhece o jovem de 17 anos, não robusto nem saudável, mas enérgico e voluntarioso.

Assinado, localizado e datado diagonalmente em duas linhas no canto inferior esquerdo — H. Pousão/ Paiva, 28-12-1876 — é, como já dissemos, desenhado a lápis sobre um papel de 23,5 x 15 cm., e obra do seu 4.° ano escolar, executada numas férias de Natal em Castelo de Paiva na casa de um amigo onde se hospedara, e a quem, talvez não possuindo outra forma de agradecer a prova de amizade, ofereceu o melhor que um artista pode dar: o seu auto-retrato feito, localizado e datado nesse então, e ciosamente guardado na família do amigo até ter passado por acção altamente comprensiva do Dr. António Luiz Gomes para o património da Fundação da Casa de Bragança.

O trabalho é firme, penetrante, e acusa ainda certa dureza e certa ausência também de um sentido pictórico que os seus desenhos mais tarde adquiririam: mesmo assim a sobriedade de meios empregados, os sábios e rigorosos toques de sombra, a limpeza sem maceração do traço fino e rigoroso sem rebuscamentos amaneirados, fazem deste desenho — histórica, estilística e iconográficamente —, um documento de alta valia, afirmação positiva e testemunho de um dos maiores pintores de toda a pintura portuguesa.

NOTA BIOGRÁFICA ARTÍSTICA

1859 A 1 de Janeiro nasce, numa casa da R. da Corredoura em Vila Viçosa, Henrique Pousão — de seu nome completo Henrique César de Araújo Pousão — filho do Dr. Francisco Augusto Nunes Pousão e de D. Maria Teresa Alves de Araújo sua mulher;

1863 Pousão vai juntar-se a seus pais, que passaram a residir em Elvas, onde o pequeno Henrique estuda as primeiras letras, e de onde vai mais tarde a Portalegre fazer o exame de instrução primária.

1871 Pousão tem 12 anos e acompanha seu pai, passando a residir em Barcelos, segundo uns num prédio do actual L. Dr. José Novais, e segundo outros num primeiro andar da hoje R. D. António Barroso.

1872 Recebe lições do pintor António José da Costa no Porto, e matricula-se na Academia Portuense de Belas-Artes.

1873 Obtém louvor e prémio pecuniário em desenho histórico, e distinção no 1.º ano de arquitectura civil. Seu pai é neste ano transferido para Guimarães.

1874 A 15 de Maio em Paris um grupo de pintores constituído por Degas, Monet, Cézanne, Pissarro, Renoir, Sisley, Guilhaumin e Marisot expõem, e são, no jornal *Charivari* pela pena do jornalista Leroy, qualificados de «impressionistas».

1875 O Dr. Pousão é despachado juiz para Olhão, onde seu filho vai passar as férias grandes.

1878 Publica-se em Paris o primeiro estudo de conjunto do movimento impressionista: «Les peintres impressionistes» de Duret.

1880 Em Paris dispersam-se os componentes do movimento de escândalo. Pousão vence em concurso para pensionista o pintor António Ramalho, partindo em Novembro para Paris onde desembarca a 22, depois de uma paragem de 4 dias em Madrid para conhecer o Museu do Prado.

1881 Estuda com Cabanel, enviando para a Academia do Porto quatro desenhos de modelo nu. Na Escola em dois concursos ganha prémios com provas de desenho, e medalhas nos estudos de ornato e pintura. Em Agosto, e por conselho de médicos, desloca-se para Bourboule-les-Bains, no Puy-de-Dome, onde se fixa dois meses. A 27 de Dezembro chega a Roma, tendo anteriormente visitado Turim e Pisa.

1882 Em Agosto está em Anacápri.

1883 Em Janeiro vai a Roma com o fim de enviar uma segunda remessa de trabalhos à Academia do Porto. Findo o Verão inicia desde Capri o seu regresso a Portugal por Sorrento e Castellamare a Nápoles, Roma, Génova, Marselha, Barcelona, Valência, Sevilha, Ayamonte, Vila Real de Santo António e Olhão. Em 15 de Novembro já está em Vila Viçosa.

1884 Pinta um quadro que data de 14 de Janeiro, e mais dois — *Flores* e *Flores campestres*. A 20 de Março, às 8 e meia da noite, falece o pintor Henrique Pousão, vitimado por tuberculose pulmonar.

BIBLIOGRAFIA (*)

ESTUDOS MONOGRÁFICOS

1946 - DIOGO DE MACEDO, Henrique Pousão, col. Hifen, ed. Litoral.

- DIOGO DE MACEDO (?), Exposição temporária da obra de Henrique Pousão (1859-1884), Museu Nacional de Arte Contemporânea, Lisboa, Abril.

1947 - ABEL SALAZAR, Henrique Pousão, ed. Liv. Tavares Martins, Porto.

1959 - FRANCISCO FERNANDES LOPES, Cartas de Henrique Pousão e excertos de outras cartas e escritos que se lhe referem, Portugalia, Lisboa.

REVISTAS E JORNAIS

1952 - M. L. BARTHOLO, Henrique Pousão no Museu Soares dos Reis, *Panorama*, n.º 4, II Série.

- JOAQUIM LOPES, Pousão, *O Primeiro de Janeiro*, 31-XII.

1954 - MANUEL DE FIGUEIREDO, Roquemont e a sua influência em meio século de pintura, *O Comércio do Porto*, 1-IV.

1955 - JOAQUIM LOPES, Henrique Pousão, sep. do n.º 7 da *Revista do Norte*, Porto.

1956 - JOÃO ALVES, Os pintores de 1900, *Lusíada*, vol. 3.º, n.º 9, Dezembro.

1958 - ROBERTO NOBRE, Pousão, impressionista?, *O Primeiro de Janeiro*, 1-I.

- (?) , Henrique Pousão, Passa amanhã o centenário do grande e malogrado pintor, *O Primeiro de Janeiro*, 31-XII.

1959 - DIOGO DE MACEDO. No Centenário de Pousão, *Ocidente*, n.º 249.

- ARMANDO DE LUCENA, A 100 Anos de distância — Henrique Pousão mestre pintor do «impressionismo», *Diário de Notícias*, 5-I.

- FRANCISCO FERNANDES LOPES, Regresso e «seu» fim, *O Comércio do Porto*, 13-I.

- ADRIANO DE GUSMÃO, A «sua» arte antes da viagem a Itália, *O Comércio do Porto*, 13-I.

- CARLOS BOTELHO, Clarim Mediterrânico, *O Comércio do Porto*, 13-I.

- DORDIO GOMES, Pousão e o impressionismo, *O Comércio Porto*, 13-I.

(*) Não se pretendeu fazer colheita total sobre quanto se escreveu acerca do pintor; antes se referenciam os elementos capitais que permitem avaliar o interesse da sua obra à luz de uma crítica e historiografia nossa contemporânea. O leitor encontrara ao compulsar esta documentação mais vastas e antigas fontes de estudo.

- VARELA ALDEMIRA, A «sua» intemporalidade, *O Comércio do Porto*, 13-I.

-MANUEL DE FIGUEIREDO, O Escolar, *O Comércio do Porto*, 13-I.

-JOSÉ JÚLIO ANDRADE DOS SANTOS, Um caso isolado da pintura portuguesa, *O Comércio do Porto*, 13-I.

- SELLÉS PAES, No centenário de Henrique Pousão, *Mundo, Revista semanal ilustrada*, 15-I.

- FRANCISCO FERNANDES LOPES, Recordando Henrique Pousão, *Diário de Lisboa*, 17-I.

- (?) , Henrique Pousão, *Suplemento*, Janeiro, 1959, *Notícias de Portugal*, ano XII, n.º 615, Boletim semanal do S. N. I., Lisboa.

CITAÇÕES ACIDENTAIS

1943 -FERNANDO DE PAMPLONA, Um século de pintura e escultura em Portugal (1830-1930), ed. Liv. Tavares Martins.

1946 - Retratos de Artistas do Museu Nacional de Soares dos Reis, Porto.

1947 - SANT'ANA DIONÍSIO, Museu-Biblioteca de Vila Viçosa, ed. Fundação da Casa de Bragança.

1948 - DIOGO DE MACEDO, Catálogo da Exposição de Arte Portuguesa em Luanda e Lourenço Marques organizada pelo Ministério das Colónias.

1958 - DIOGO DE MACEDO, Artes Plásticas, *Portugal — oito séculos de história ao serviço da valorização do homem e da aproximação dos povos ed. do Comissariado Geral de Portugal para a Exposição Internacional de Bruxelas.*

OUTRAS PUBLICAÇÕES

- DIOGO DE MACEDO, A Arte nos Século XIX e XX, *Arte Portuguesa*, dir. de João Barreira, ed. Excelsior.

- Dicionário dos Pintores e Escultores Portugueses ou que trabalharam em Portugal, por FERNANDO DE PAMPLONA, Lisboa, 1957, (com nota bibliográfica).

- Dictionnaire des peintres, sculpteurs, dessinateurs et graveurs por E. BÉNÉZIT, Liv. Grund, Paris, 1954.

- Allgemeines Lexicon der Bildenden Kunstler von der Antike bis zur Gegenwart, begrundet von ULRICH THIEME und FELIX BECKER, Leipzig, 1933 (com erro na citação do mês de nascimento).

- História de Portugal, IV parte, Cultura e Assistência, vol. VII, ed. Monumental da Portucalense Editora, Lda., Barcelos.

- Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira.

NEOGRAVURA, LDA. — LISBOA

biblioteca
municipal
barcelos
6532
Henrique Pousão